



EXPRESSIVIDADE E SUBJETIVIDADE NO WITTGENSTEIN TARDIO

MIRIAN DONAT¹

RESUMO: O artigo apresenta algumas considerações acerca do papel da expressividade na significação da linguagem psicológica, o que será feito em três momentos. Pretendo mostrar, em primeiro lugar, que a expressividade da linguagem está enraizada na expressividade natural da ação humana, de forma ampla, o que significa ser muito difícil, da perspectiva de Wittgenstein, avaliar a expressividade simplesmente pela distinção de tipos de sentenças ou mesmo de jogos de linguagem, pois a expressividade não é uma característica ou função da linguagem, em abstrato, mas da ação humana, da qual faz parte a linguagem. Com isso, num segundo momento veremos como essa forma de compreender a expressividade leva a uma compreensão distinta da própria subjetividade, pois esta noção ajuda Wittgenstein a desmontar os pressupostos dos dualismos de tipo mentalista, tais como o interior versus o exterior ou o físico versus o mental, fundando uma particular concepção de ser humano, pensado por ele como um ser vivo no “fluxo da vida”, ou seja, em meio a suas interações com o mundo e os outros homens. Por fim, a concepção de Wittgenstein possibilita dissolver certas dificuldades na compreensão dos modos de significação da linguagem psicológica, em especial de termos como ‘eu’, que deixam de ser considerados a partir da referência a um mundo interior privado e inacessível intersubjetivamente. Por estarem ligados a ações expressivas, tais termos são compreendidos a partir dos lugares e papéis que os diferentes parceiros do jogo de linguagem podem ocupar nas práticas linguísticas, eliminando o caráter substancial da subjetividade para compreendê-la como constituída no conjunto de relações que os seres humanos compartilham intersubjetivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Expressividade; Subjetividade; Linguagem psicológica; Ser humano; Eu.

ABSTRACT: This article presents some considerations about the role of expressiveness in the meaning of psychological language, which will be done in three moments. Firstly, I intend to show that the expressiveness of language is rooted in the natural expressiveness of human action, broadly, which means being very difficult, from Wittgenstein's perspective, to evaluate expressiveness simply by distinguishing types of sentences or even language games, because expressiveness is not a characteristic or function of language, in abstract, but of human action, of which language is part. In a second moment we will see how this way of understanding expressiveness leads to a distinct understanding of subjectivity itself, because this notion helps Wittgenstein to dismantle the assumptions of mentalist dualisms, such as the interior versus the exterior or the physical versus the mental, founding a particular conception of a human being, thought by him as a living being in the "flow of life", that is, in the midst of their interactions with the world and other men. Finally, Wittgenstein's conception makes it possible to dissolve certain difficulties in understanding the meaning modes of psychological language, especially terms such as 'I', which are no longer considered from the reference to a private and inaccessible inner world intersubjectively. Because they are linked to expressive actions, such terms are understood from the places and roles that the different partners of the language game can occupy in linguistic practices, eliminating the substantial character of subjectivity to recognize it as constituted in the set of relationships that human beings share intersubjectively.

KEYWORDS: Folk psychology; Postcognitivism; Belief; Mental concepts.

¹ Professora Adjunta na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de São Carlos (UFSCar). E-mail: donat@uel.br.

I

Nas observações de Wittgenstein acerca da linguagem psicológica um tema que ocupa especial atenção diz respeito ao modo de significação das sentenças em primeira pessoa do singular, tais como “Eu tenho dor”, sentenças em que o falante atribui a si mesmo determinado estado mental. Essa questão atravessa os seus escritos sobre a filosofia da psicologia e muitas vezes aparece de acordo com o que ele chama de uma distinção gramatical entre descrição e expressão². Esta distinção aparece no início de seu “Plano para o tratamento dos conceitos psicológicos”, no parágrafo 63 do Livro II das *Observações sobre a filosofia da psicologia*, onde se lê:

Os verbos psicológicos se caracterizam pelo fato de que a terceira pessoa do presente é identificável pela observação, e a primeira pessoa não.

Sentença na terceira pessoa do presente: informação. Na primeira pessoa do presente: manifestação.

Entretanto, observações acerca da expressividade aparecem já nas *Investigações filosóficas* e, ali, ocupam um papel de destaque para a compreensão do jogo de linguagem psicológico. No parágrafo 244 dessa obra Wittgenstein afirma que o significado dos nomes de sensações pode ser compreendido em sua ligação à “expressão originária e natural da sensação”.

No uso da linguagem, de acordo com Wittgenstein, as distinções em termos da forma das sentenças não fazem muito sentido, pois na prática elas podem ocupar várias funções, e até mesmo várias ao mesmo tempo; tais distinções seriam abstrações que não refletem a prática efetiva de uso da linguagem. A própria definição do que seja uma “descrição” não é tão simples assim, na medida em que ela pode ocupar diferentes funções na atividade da linguagem, como se vê no parágrafo 291 de *Investigações*:

O que chamamos de “*descrições*” são instrumentos para empregos especiais. Pense no desenho de uma máquina, numa seção, num esboço que o mecânico tem diante de si. – Pensar uma descrição como uma figura verbal dos fatos tem algo de enganador: pensa-se talvez apenas em quadros tais como os que

² Tendo como base passagens como esta, algumas leituras de Wittgenstein tentam mostrar suas conexões com o expressivismo, a partir de um enfoque na distinção entre descrição e expressão, considerando que sentenças com a forma “Ele tem dor” deveriam ser consideradas descrições e sujeitas a avaliação em termos epistêmicos, enquanto sentenças como “Eu tenho dor” seriam sempre manifestações do estado mental do falante, sem valor de verdade. Há muita controvérsia acerca da possibilidade de incluir Wittgenstein nessa tradição. Como afirma Cesar Schirmer dos Santos (2018, p. 6), por exemplo: “o próprio Wittgenstein não se apresenta, em nenhum momento, como um expressivista, e pode haver leituras das *Investigações filosóficas* que pouco ou nada têm a ver com o expressivismo sobre o acesso aos próprios estados mentais”, informando na sequência que a tradição expressivista de leitura das *Investigações filosóficas* teria nascido de algumas de suas primeiras resenhas, realizadas por Peter Strawson e Norman Malcolm, àquela obra. A partir disso originou-se todo um debate acerca da filiação ou não de Wittgenstein ao expressivismo. Não entraremos nessa discussão no presente artigo.

estão pendurados em nossas paredes e que parecem simplesmente reproduzir a aparência de uma coisa, o seu estado.

Para Wittgenstein há, muitas vezes, *transições* entre um uso descritivo e um uso expressivo das sentenças, tornando difícil considerar essa distinção a partir das características das próprias sentenças: “descrever meu estado de alma (o medo, por exemplo); faço-o num determinado contexto. [...] É assim tão espantoso que eu empregue a mesma expressão em diferentes jogos? E às vezes também, por assim dizer, entre os jogos” (WITTGENSTEIN, 1996, II, p. 174)³.

Como se vê, a expressividade ocupa um papel fundamental para a compreensão da linguagem, em especial a linguagem psicológica. Diante dessa constatação, no presente artigo pretendo traçar algumas considerações acerca do papel da expressividade na significação da linguagem psicológica. Pretendo mostrar, em primeiro lugar, que a expressividade da linguagem está enraizada na expressividade natural da ação humana, de forma ampla, o que significa ser muito difícil, da perspectiva de Wittgenstein, avaliar a expressividade simplesmente pela distinção de tipos de sentenças ou mesmo de jogos de linguagem, pois a expressividade não é uma característica ou função da linguagem, em abstrato, mas da ação humana, da qual faz parte a linguagem. Com isso, num segundo momento veremos como essa forma de compreender a expressividade leva a uma compreensão distinta da própria subjetividade, pois é com esta noção que Wittgenstein desmonta os dualismos de tipo mentalista, tais como o interior versus o exterior ou o físico versus o mental. A expressividade tem um papel fundamental na argumentação contra a possibilidade de uma linguagem privada e contra o solipsismo que dela decorre, pois refuta a possibilidade de uma dimensão da qual apenas o próprio sujeito poderia ter acesso e privadamente desenvolver uma linguagem para ela, possibilidade fundada numa concepção do humano como um composto de uma mente e um corpo a ela ligado. Contra tal concepção, Wittgenstein pensa o humano como um ser vivo no “fluxo da vida”, ou seja, em meio a suas interações com o mundo e os outros homens e é aí que se constitui a subjetividade. Por fim, a concepção de Wittgenstein possibilita dissolver certas dificuldades na compreensão dos modos de significação da linguagem psicológica, em especial de termos como “eu”, que deixam de ser considerados a partir da referência a um mundo interior privado e inacessível intersubjetivamente. Por estarem ligados a ações expressivas, tais termos são compreendidos a partir dos lugares e papéis que os diferentes parceiros do jogo de linguagem podem ocupar nas práticas linguísticas, eliminando o caráter substancial da

³ A citações de *Investigações Filosóficas* seguem o seguinte padrão: para a primeira parte será indicado o parágrafo e para a segunda parte, a página.

subjetividade para compreendê-la como constituída no conjunto de relações que os seres humanos compartilham intersubjetivamente.

II

As observações de Wittgenstein sobre a psicologia podem ser encontradas de forma não tão desenvolvida já nas *Investigações filosóficas* e mais acentuadamente em seus escritos da segunda metade da década de 1940, em especial *Observações sobre a filosofia da psicologia* e *Últimos escritos sobre a filosofia da psicologia*. Entre estas observações, a expressividade ocupa um lugar central e pode ser situada a partir do parágrafo 243 de *Investigações filosóficas*.⁴ Neste parágrafo Wittgenstein pergunta sobre a possibilidade de uma linguagem na qual alguém poderia, para uso próprio, “anotar ou exprimir suas vivências interiores” e diz ainda que tal linguagem deveria referir-se àquilo que apenas o falante pode saber, no caso, suas próprias sensações imediatas, privadas. O desdobramento e a análise dessa pergunta podem levar a uma série de questões acerca dos estados internos, entre elas a seu estatuto ontológico e epistêmico.

Entretanto, para Wittgenstein, a questão fundamental é apresentada já no parágrafo seguinte, em que ele pergunta sobre como se estabelece a ligação entre o nome e o denominado e diz que esta pergunta é a mesma que “como um homem aprende o significado dos nomes de sensação?” Ou seja, a análise de Wittgenstein diz respeito à significação dos termos e conceitos relativos aos estados interiores ou, dito de outro modo, ao funcionamento do jogo de linguagem da psicologia.

A resposta de Wittgenstein, no mesmo parágrafo, funda todo o seu tratamento futuro acerca dessa questão. Ele afirma que uma possibilidade para a compreensão de como se determina o significado dos termos psicológicos é que

palavras são ligadas à expressão originária e natural da sensação, e colocadas no lugar dela. Uma criança se machucou e grita; então os adultos falam com ela e lhe ensinam exclamações e, posteriormente, frases. Ensinam à criança um novo comportamento perante a dor. (WITTGENSTEIN, 1996, § 244)

Wittgenstein inaugura nessa passagem um modo de compreender a linguagem psicológica em que se distingue nela uma *função* expressiva. Porém, é necessário enfatizar que esta não é uma função da linguagem que se possa compreender em abstrato, em algo que possa ser isolado na própria linguagem, como uma característica particular de um domínio específico

⁴ Esse parágrafo é considerado o início do assim chamado *argumento da linguagem privada*, que se estende até o parágrafo 315.

dela. A expressividade deve ser compreendida a partir do fato de que nós, humanos⁵, temos um comportamento natural expressivo que pode ser substituído por palavras e frases. Essa concepção permite a Wittgenstein desmontar as teses privatistas acerca dos estados internos, segundo as quais o sujeito teria um acesso privilegiado e privado a eles, interdito a todos os demais. Sem cair no extremo oposto, que seria a eliminação do interior na consideração do significado dos termos psicológicos, Wittgenstein o reabilita com a noção de que o significado desta linguagem está ligado à expressividade natural do comportamento humano.

A expressão natural dos estados interiores é condição para a existência de uma linguagem psicológica. Na medida em que a linguagem substitui um comportamento natural expressivo ela continua sendo um tipo de comportamento, agora mediado por palavras e frases. E com Wittgenstein temos que tomar o termo *comportamento* num sentido amplo, que implica não apenas movimentos corporais ou algo do tipo, mas a totalidade das ações e práticas humanas no mundo, diz respeito a tudo aquilo que efetivamente fazemos no mundo. Diante disso temos que nos perguntar, em relação à linguagem psicológica: para que inventamos uma tal linguagem; qual o objetivo de uma linguagem para a expressão de nossos estados interiores? Ora, obviamente o uso de uma tal linguagem não é realizar descrições de supostos objetos pertencentes a um suposto mundo interno privado e inacessível a qualquer sujeito que não seja o próprio sujeito “portador” de tais objetos internos. Se assim fosse, a linguagem seria algo como um conjunto de signos que serviriam para que um outro pudesse saber o que se passa internamente com o sujeito, mas com a dificuldade de que este outro não pudesse jamais ter acesso ao próprio objeto do qual a palavra é signo, tornando impossível o conhecimento nesse caso. Ou, mais estranho ainda, seria uma linguagem que teria um uso apenas para si mesmo, uma linguagem “para uso próprio”.

No entanto, quando Wittgenstein, no parágrafo 257, considera a possibilidade de uma criança genial que descobrisse por si própria um nome para a sensação, a pergunta inevitável é: para que a criança faria isso? Ou seja, qual seria o uso possível de uma palavra como essa? É importante lembrar que, desde o início das *Investigações*, a análise da linguagem e do significado passa pela descrição de situações comuns e cotidianas em que as pessoas usam a linguagem em meio a ações e práticas. Não é por acaso que Wittgenstein situa a análise do significado em jogos de linguagem, existentes ou imaginados, pois é só dentro da totalidade de

⁵ Interessante lembrar que Wittgenstein não reduz a expressividade aos seres humanos, mas que esta característica é compartilhada, em vários níveis, pelos animais. Faz isso, por exemplo, comparando o modo como se pode atribuir algum tipo de sensação a uma mosca, o que seria impossível no caso de uma pedra (1996, § 284). Entretanto, a linguagem faz com que nos humanos a expressividade seja ampliada e se torne muito mais rica e complexa do que nos animais.

um jogo de linguagem, em que esta tem um emprego, que se pode compreender o uso de palavras e frases, o que é o mesmo que dizer compreender o seu significado. Esse procedimento enfatiza o enraizamento da linguagem nas práticas humanas do mundo, de modo que toda tentativa de investigar o significado desligado dessas práticas leva a resultados equivocados.

Voltando ao caso da criança genial, percebe-se que o problema não está na possibilidade ou não de a criança conseguir, a partir do seu próprio caso, dar um nome para a sensação. O problema que se coloca é a falta de ligação desse procedimento com as práticas efetivas da criança com seu entorno e, principalmente, a ausência das relações que a criança estabelece com os adultos e outros falantes. Essa forma de nomear a sensação não permite à criança tomar parte em atividades comuns e cotidianas em que a expressão da experiência subjetiva tem um papel. Vê-se assim que a nomeação da experiência subjetiva não se reduz à identificação da própria experiência – para uso próprio, seja lá o que isso possa significar -. mas coloca o sujeito em contato com o outro, levando-o para o plano da manifestação da experiência que, por sua vez, permite também a participação em práticas comuns, interagindo com os outros sujeitos.

Pensando a linguagem psicológica da perspectiva da expressividade, salienta-se que a experiência subjetiva não é algo interno separado do que se passa externamente, eliminando a duplicidade ontológica decorrente dessa noção, em que se trata a interioridade como um plano ontológico distinto do exterior. A experiência subjetiva é constitutiva do ser humano em sua totalidade, um ser que vive junto aos outros em uma forma de vida compartilhada. É nesse plano que se desenvolve uma linguagem para substituir aquela expressividade natural e aqui sim essa linguagem encontra seu lugar e seu papel pois “a linguagem é fundamentalmente um *uso público* de sinais, palavras e expressões e que pouco ou nada se perceberá do seu sentido se não a vímos como uma atividade em que os indivíduos são ensinados e treinados para comunicar, cooperar, influenciar e atuar uns sobre os outros” (MARQUES, 2012, p. 80).

Trazendo a linguagem para o contexto dos jogos de linguagem, que por sua vez estão ancorados nas formas de vida, é enfatizado que a linguagem só é possível no domínio público das relações do sujeito com o mundo que o rodeia, mas, principalmente, nas relações que estabelece com os outros sujeitos, numa forma de vida compartilhada. A linguagem é um acontecimento no mundo e não um empreendimento de um sujeito privado e isolado com seus estados mentais, cujas relações pudessem estabelecer alguma base de significação. A significação acontece na interlocução, ela só se constitui no diálogo, no encontro com o outro, pois “somos por natureza e, através de um determinado treinamento e educação, de tal modo

orientados que, sob certas circunstâncias, fazemos nossas manifestações de desejo” (WITTGENSTEIN, 1996, § 441), por exemplo.

III

Como se vê, a expressividade não implica na simples manifestação ou exteriorização de algo que se passa internamente ao sujeito, o que poderia levar a um novo equívoco, de se pensar a própria expressividade da linguagem como devedora da concepção privatista da experiência, na medida em que seria simplesmente um mecanismo para trazer para o exterior algo que se encontra no interior do sujeito. O que está em questão é o uso das palavras, sinais e expressões com as quais substituímos as expressões naturais dos estados interiores. No exemplo do parágrafo 243 das *Investigações*, a palavra *dor* é usada para substituir a expressão natural que seria o choro ou o grito. Importa salientar que chorar ou gritar são formas de agir tendo em vista determinadas consequências e reações, como por exemplo chamar atenção da mãe, ou algo do gênero. Quando se substitui tal comportamento pela linguagem, o objetivo permanece o mesmo: o que se pretende quando se diz “Tenho dor” é chamar a atenção do outro, fazer com que o outro reaja de uma determinada maneira, em suma, é em relação com outros sujeitos que se tem sempre de considerar o funcionamento da linguagem. A expressividade é a origem de um vínculo que se estabelece *entre* os sujeitos:

Ajuda aqui lembrar que é uma reação primitiva cuidar, tratar o órgão que dói, quando uma outra pessoa está com dores; e não apenas quando nós próprios estamos – e desta forma prestar atenção ao comportamento de dor de outras pessoas, de uma forma que *não* prestamos quando se trata do nosso próprio comportamento de dor. (WITTGENSTEIN, 1981, §540)

Sendo assim, vemos que a interioridade, entendida enquanto experiência subjetiva que se expressa no comportamento, não implica nenhum domínio ontológico, mas sim um campo de possibilidades da experiência e da ação humanas. A linguagem ligada a este campo não tem como função precípua a descrição⁶ desta suposta realidade, mas sim razões pragmáticas, na exata medida em que tais experiências têm lugar na vida humana, nas interações intersubjetivas em que, por exemplo, a expressão de suas experiências desencadeia um curso de ações e reações em consequência. A experiência do sofrimento, por exemplo quando expressa por um sujeito pelo uso de uma sentença como “Eu tenho dor”, envolve a demanda de determinadas ações e reações por parte dos outros sujeitos envolvidos naquela situação, e que não será a mesma

⁶ O que pode ser o caso, pois em várias passagens Wittgenstein considera como seria a descrição de um estado interno e suas diferenças com a descrição de outras situações. Enfatiza-se aqui que este não é o seu uso primário.

dependendo de quem sejam. Um médico reage de uma forma diferente em relação a um paciente em sofrimento do que uma mãe em relação ao sofrimento de um filho, por exemplo.

A questão acerca dos estados internos, dessa maneira, deixa de ser uma consideração acerca de que tipo de entidade eles sejam, questão esta que surgiu dos descaminhos e equívocos de certas concepções acerca da interioridade. A questão passa a ser a compreensão das circunstâncias em que se usam as palavras para dar expressão às experiências subjetivas e nessas circunstâncias a realidade delas se revela no modo mesmo em que agimos uns em relação aos outros. Nesse agir desenvolvemos também uma habilidade de ver o comportamento expressivo de uma determinada maneira, mais ou menos como uma habilidade de ler tais expressões de uma determinada perspectiva:

“*Vê-se a emoção*”. Em oposição a que? Não vemos alguém fazendo caras e bocas, e agora *inferimos* que ele sente alegria, tristeza, tédio. Descrevemos seu rosto imediatamente como triste, radiante de felicidade, entediado, mesmo que não sejamos capazes de dar qualquer outra descrição dos traços faciais. A tristeza é personificada no rosto, é o que se gostaria de dizer. Isto é essencial àquilo que chamamos de “emoção” (WITTGENSTEIN, 2008, II, § 570).

Não temos nenhuma dificuldade em saber que o outro está alegre, triste ou entediado, pois ele o mostra em seus gestos, em seu tom de voz, em suas expressões faciais. Alegria, tristeza e tédio não são estados internos que apenas inferimos de seu comportamento, mas conceitos que nascem ligados ao próprio comportamento alegre, triste ou entediado, que vemos e ao qual reagimos sem questionar. Esta habilidade é aprendida e há mesmo pessoas mais e menos competentes para ler as expressões dos outros e mesmo situações em que somos incapazes de compreendê-las. O outro pode ser um completo enigma para mim ou pode ser que não consigamos compreender suas expressões, quando se trata de pessoas de outras culturas, por exemplo.

O uso correto e adequado de palavras como alegre, triste, tedioso relaciona-se com um “ver” ou “ler” adequadamente o comportamento expressivo e está diretamente ligado com o modo de agir naquela situação. Não é simplesmente ver o comportamento como algo que poderia substituir o suposto objeto interno⁷, mas sim saber agir de determinada maneira, é o ver na forma de uma atitude que se tem para com o outro. Ver a dor no comportamento de alguém é estar apto a reagir a isto, é ir ao encontro do outro movido pela convicção de que o outro sofre. É isto o que falta quando se trata tais palavras como designações de objetos, pois esse

⁷ Se assim fosse então deveríamos aceitar que Wittgenstein, ao criticar os pressupostos do mentalismo, estivesse se voltando para a sua contraparte behaviorista, o que não é o caso, como ele mesmo afirma em *Investigações* 307: “Não será você um behaviorista disfarçado? Você por acaso não diz que, no fundo, tudo isso é ficção, a não ser o comportamento humano?” – Quando falo de uma ficção, falo de uma ficção *gramatical*”.

procedimento retira a palavra e a dor de suas circunstâncias práticas e vitais. Teríamos apenas uma relação entre palavra e objeto em que faltariam todas as outras relações com as ações e reações que acompanham o processo de nomeação, o que nos leva a perguntar: o que faríamos com esse processo?

A linguagem psicológica precisa ser compreendida em suas relações, da mesma maneira que o ser humano precisa ser compreendido em meio às relações que estabelece com o mundo, com a natureza, com os outros sujeitos. O significado profundo do argumento da linguagem privada, compreendido em relação à expressividade da linguagem, ligada com a negação da possibilidade de significados que possam ser dados a partir de objetos privados, é a refutação do solipsismo da perspectiva mentalista. A compreensão de tal perspectiva está associada ao modo particular de Wittgenstein conceber o ser humano, não mais como um composto de corpo e alma, mas sim como um “ser vivo no fluxo da vida”, em suas relações com o mundo e com as outras pessoas.

A experiência que é expressa não diz respeito a um mundo interno com seus objetos privados, em que o sujeito aparece como o sujeito solipsista às voltas apenas e tão somente com seu próprio mundo “interior”, em total isolamento em relação ao mundo e tudo o mais que se julga “exterior”. Ao contrário, a experiência que é expressa em sentenças como “eu tenho dor” é a experiência de um ser humano que se vê como tal em meio a outros seres humanos, com suas ações e reações típicas, um mundo em que as pessoas expressam suas próprias dores, seus medos, alegrias, amores, e em que esperam das outras reações apropriadas às suas próprias expressões. Assim se pode compreender que os estados interiores são estados de um “ser humano vivo”, ou seja, de um ser que é um todo, um corpo vivo, consciente e que expressa seus estados internos neste corpo, sem nenhuma forma de divisão ou dualismo, pois “o corpo humano é a melhor imagem da alma humana” (WITTGENSTEIN, 1996, p. 168).

IV

Como consequência da forma de pensar a linguagem psicológica ligada à expressividade da ação humana, temos uma nova forma de pensar também sobre a subjetividade e sua constituição. O uso em primeira pessoa é marca característica da linguagem psicológica, mas surge apenas nas relações que o sujeito mantém com outros sujeitos e nunca em uma relação do sujeito diretamente com um suposto “mundo interior” ao qual só ele mesmo tem acesso.

Isto significa que, se a base da significação da linguagem psicológica não é a referência a supostos objetos internos e privados, isso não implica eliminar do discurso significativo a

perspectiva de primeira pessoa. A presença de certos termos, em especial “eu”, é o que caracteriza a linguagem psicológica e o próprio domínio daquilo que entendemos por linguagem psicológica. E a base da significação, não sendo a referência ao interior, é a própria experiência humana no mundo, pois cada jogo de linguagem se constitui de modo a estabelecer o sentido de um certo domínio de nossas experiências e vivências no mundo⁸. Assim podemos compreender que não há nenhum problema com a linguagem psicológica em si, ela não precisa de nenhuma correção, explicação ou fundamentação que devesse ser dada pela filosofia. O que precisamos é apenas “ver as conexões” (WITTGENSTEIN, 1996, § 122) dos conceitos neste particular jogo de linguagem.

A distinção entre descrição e expressão não é decorrência de uma distinção formal entre tipos de sentenças, mas sim de atos distintos realizados pelos falantes no contexto efetivo dos diferentes jogos de linguagem. Enfatizando a ligação com estas práticas e nas interações que nelas se estabelecem, Wittgenstein lança luz sobre os diferentes papéis que palavras e sentenças podem ocupar nos jogos de linguagem, mas também os diferentes papéis que os próprios falantes ocupam neles, de acordo com as diferentes relações que exercem uns com os outros. No jogo de linguagem psicológico se vê o papel exercido pelo sujeito na linguagem e a relação do falante com a palavra “eu”, em especial no seu uso expressivo.

No parágrafo 410 das *Investigações* Wittgenstein afirma que:

‘eu’ não denomina nenhuma pessoa, ‘aqui’, nenhum lugar, ‘este’ não é nenhum nome. Mas estas palavras estão conectadas com nomes. Os nomes são explicados por meio delas. É também verdade que a física se caracteriza por não empregar essas palavras.

Afirmar que palavras como “eu” não são próprias da física mostra que a distinção entre o físico e o psicológico não é determinada por tratarmos de diferentes domínios ontológicos, mas sim pela distinção entre diferentes jogos de linguagem: as palavras em um e outro jogo de linguagem não têm seu significado estabelecido da mesma forma. Dizer que a palavra “‘eu’ não denomina nenhuma pessoa” significa dizer que ela não tem seu significado dado pelo seu referente. A não distinção entre sentenças do tipo “eu tenho dor” e “ele tem dor” levou ao problema de saber ao que refere a expressão “eu”, ao fim e ao cabo identificada com a sede interior e privada de toda experiência. Com isso ela foi compreendida como o sujeito do qual se predica “tenho dor”, tal qual Descartes identifica o “eu” com o pensamento que pensa a si

⁸ E assim se constituindo formam uma gramática que “pode ser entendida, em uma primeira aproximação, como o conjunto de usos que fazemos das palavras, que podem ser expressos sob a forma de um sistema de regras; uma vez cristalizadas em regras e assim sistematizados, os usos das palavras esclarecem a significação dos conceitos e enunciados. O termo “gramática” subsume, em Wittgenstein, os diversos conjuntos de tais regras, particulares a cada setor da experiência”. (MORENO, 2005, P. 152)

mesmo pensando, ou seja, o sujeito que identifica o seu próprio pensamento/consciência por um ato de auto-identificação reflexiva.

Entretanto, esta compreensão não passa de uma falsa analogia entre a linguagem da psicologia e a linguagem da física, ou de uma generalização indevida de um modo de as palavras receberem significação. Na física não há lugar para o “eu” porque suas sentenças são sempre em terceira pessoa, são sentenças que descrevem os fatos de uma perspectiva que não remete a um sujeito e suas próprias experiências. A perspectiva de terceira pessoa pode ser ocupada por qualquer sujeito sem mudança na significação; o que é afirmado não sofre alteração porque a terceira pessoa é um lugar na linguagem que pode ser ocupado por qualquer sujeito sem distinção sobre o que é dito.

Não é o caso das sentenças psicológicas em que o termo “eu” aparece. Em sentenças tais como “Eu tenho dor”, o significado do termo marca um lugar na linguagem que é ocupado pelo sujeito que fala, lugar que, entretanto, é intercambiável, ou seja, todos os participantes do jogo podem assumir este lugar em diferentes momentos, não sendo sua significação dependente da nomeação/referência a um sujeito particular. Mas, nesse caso, vemos que o sentido do que é dito se modifica, pois agora trata-se da expressão da experiência de um outro sujeito, de quem é que naquele momento a expressa. Entretanto, a mudança no sentido não acontece pela associação das palavras com suas próprias experiências internas, mas sim pela substituição daquele que ocupa naquele momento o lugar de sujeito que expressa a experiência. E é apenas disso que se trata, de quem é o sujeito que naquele momento expressa sua experiência: “o que significa, pois, saber *quem* tem dores? Significa, por exemplo, saber que pessoa tem dores neste quarto: portanto, se aquele que está sentado ali, se aquele que está de pé neste canto, ou o alto, de cabelos louros acolá, etc. (WITTGENSTEIN, 1996, § 404). Esta mesma situação poderia ser alcançada sem usar tais palavras, gemendo por exemplo, pois “a diferença entre ‘eu tenho dores’ e ‘ele tem dores’ não é a existente entre ‘L. W. tem dores’ e ‘Smith tem dores’. Ela corresponde antes à diferença entre gemer e dizer que alguém geme” (WITTGENSTEIN, 1992, p.118). O uso de “eu” não é o do reconhecimento de uma pessoa (objeto) em particular, mas, nesse caso, o de chamar a atenção para quem tem dores.

Quando se extrapola o modelo da física para a linguagem psicológica seguimos pensando nas palavras em termos de designação das coisas e passamos a investigar o que é que, afinal, a expressão “eu” refere na proposição “eu tenho dor”. Mas a função de “eu” não é referir, sua significação primária não está relacionada ao descrever, mas ao expressar. E na expressão da experiência há um lugar na linguagem que não pode ser substituído tal como na linguagem

da física e que marca a irredutibilidade da linguagem psicológica à linguagem da física. Para Wittgenstein a assimetria entre primeira e terceira pessoas não pode ser anulada e se estabelece como a constituição de um lugar, no caso da linguagem psicológica, em que se pode usar a linguagem para a expressão de sua própria experiência. Evita-se dessa forma tomar agora a expressão como a exteriorização de supostos objetos interiores, vedada na argumentação contra a possibilidade da linguagem privada, mas como um modo de comportar-se que é mediado pela linguagem, um comportamento com o qual expressamos nossos estados interiores.

Aprender o significado destas palavras é aprender a tomar parte em certas práticas, no caso, as práticas de expressar suas próprias experiências e vivências utilizando-se da linguagem. Aprende-se a substituir um comportamento expressivo natural pela linguagem expressiva, que não deixa de ser, ela mesma, comportamento expressivo, de tal forma que passa a fazer parte da significação das próprias experiências e vivências. E isto significa que a linguagem ocupa um papel na própria constituição das experiências e vivências tipicamente humanas, ou seja, as experiências e vivências humanas são de tal forma que podem ser expressas por meio de palavras e sentenças.

Essa mudança de perspectiva da compreensão do “eu” mostra que a sua significação não pode ser compreendida quando separada dos comportamentos expressivos, como se pudesse acontecer de o sujeito alcançar o próprio referente da palavra pela simples descoberta daquele objeto interno que lhe garante significação, como no caso da criança gênio. Ao contrário, palavras como “eu” só têm sentido quando integradas ao todo de uma situação expressiva, ao todo do comportamento humano expressivo.

Ao demonstrar a expressividade da linguagem psicológica, Wittgenstein refuta a noção da interioridade em termos substanciais, considerada como um domínio ontológico próprio, distinto do exterior, povoado de objetos privados e acessíveis apenas ao próprio sujeito, por introspecção. O “eu”, assim como a subjetividade de um modo geral, perde toda a substancialidade e se torna um lugar, ou um papel, que os diferentes sujeitos podem ocupar num jogo de linguagem, como parceiros que interagem entre si na comunicação. Com isso Wittgenstein desenvolve um modo de compreender a interioridade que põe em questão toda a visão moderna sobre ela, assentada em uma concepção de interior como um domínio ontológico legítimo, com seus próprios objetos e processos. Se nessa visão moderna do mental a distinção se assenta na ontologia, para Wittgenstein a distinção é puramente lógica, dado que o que distingue a física da psicologia é a linguagem própria de cada uma delas.

As diferenças de uso das sentenças em primeira e terceira pessoas dizem respeito aos lugares e aos papéis que cada um ocupa no jogo de linguagem e não a características das próprias sentenças, em abstrato. Ambos os usos têm a mesma origem em comum, ambos são aprendidos de forma a substituir a expressividade natural pela expressividade por meio da linguagem. Não é o caso de que aprendemos o uso em primeira pessoa para expressar nossos próprios estados internos enquanto que aprendemos o uso em terceira pessoa por meio da observação do comportamento dos outros. Se assim fosse, a base de significação dos termos e palavras em cada caso seria diferente, ou seja, a significação da palavra “dor”, por exemplo, deveria ser diferente em um caso e em outro, levando ao equívoco de se pensar que no primeiro caso pudesse valer algo como uma relação direta do sujeito com seus próprios estados mentais, enquanto que no segundo caso apenas estaria envolvido o comportamento externo observável.

A expressividade é, assim, a origem de todo uso da linguagem psicológica, o que significa que o uso em terceira pessoa, para descrever estados internos de outros, também tem a mesma fonte. Se não houvesse a expressividade natural, o significado das palavras, também em terceira pessoa, não seria o significado que as palavras têm, pois mesmo quando usamos as sentenças em terceira pessoa não se atribui ao outro um mero comportamento, mas sim um estado interior correspondente. Não estamos descrevendo seu comportamento, mas sim atribuindo dor ao outro. Não estou apenas dizendo que o outro se comporta de uma certa forma, mas sim que ele tem uma certa sensação. Num caso como no outro, o acesso ao “estado interior” não tem nenhum papel na significação, embora efetivamente seja deste estado que estejamos falando.

Ter a certeza de que alguém tem dores, duvidar de se tem ou não, etc., são outros tantos tipos de comportamento naturais e instintivos para com os outros seres humanos, e a nossa linguagem é apenas um auxiliar e uma extensão suplementar desta relação. O nosso jogo de linguagem é uma extensão do comportamento primitivo. (Com efeito, o nosso *jogo de linguagem* é comportamento.) (WITTGENSTEIN, 1981, § 545)

V

Com a forma como Wittgenstein compreende a expressividade da ação e da linguagem humanas, supera-se toda forma de dualismo entre interior/exterior, interno/externo, mente/corpo, pois o exterior não é um sinal ou marca do que se passa internamente, o corpo não é o lugar em que a mente se expressa ou qualquer coisa do tipo. A expressividade do comportamento humano é a própria manifestação do interior, pois as palavras, em seu uso

expressivo, não são marcas de algo distinto, de algo ao qual apenas temos acesso mediado pelo comportamento. Ao contrário, o próprio comportamento expressivo constitui a significação dessa linguagem, não há um algo além que devesse ser revelado no comportamento, sendo esse além o “verdadeiro significado” dessas palavras.

O objetivo de Wittgenstein é a compreensão dos modos de significação neste particular domínio de nossa linguagem, de uma perspectiva eminentemente filosófica, que aqui é tomada como a tentativa de compreender aquilo mesmo a que esta linguagem diz respeito, no caso, a especificidade de uma linguagem que permite a nós, humanos, expressar em nossa ação os nossos estados interiores, o que permite, em consequência, uma compreensão da própria ação humana, no fim das contas o “objeto” último de que esta linguagem fala. As questões fundamentais passam a ser aquelas acerca do sentido que esta linguagem articula para a ação humana e qual seria a fonte ou origem da sua significação.

O jogo de linguagem psicológico tem como base fundamental a expressividade natural da ação humana e nela a perspectiva de primeira pessoa tem um lugar específico que não pode ser substituído por nenhuma outra. Esta compreensão das sentenças psicológicas em primeira pessoa é também uma contribuição fundamental para a compreensão da própria natureza humana, do que é o eminentemente humano. Retirar a perspectiva de primeira pessoa é equivocar-se acerca do sentido da ação humana, é retirar parte fundamental da nossa concepção de ser humano. Sendo assim, a investigação de Wittgenstein vai muito além de uma simples questão acerca de tipos de termos ou sentenças, ou de tipos de jogos de linguagem, para se colocar como uma investigação acerca do sentido último do que consideramos propriamente humano em nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARQUES, Antonio. *O interior: linguagem e mente em Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 2012.

MORENO, Arley Ramos. *Introdução a uma pragmática filosófica*. Campinas, Editora da Unicamp. 2005.

SANTOS, Cesar Shirmer dos. As origens do expressivismo e o ponto de Geach. In: *Dissertatio – Volume Suplementar 6*, Fevereiro/2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Observações sobre a filosofia da psicologia*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *O livro azul*. Lisboa, Edições 70, 1992.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Zettel*. Lisboa: Edições 70, 1981.